

# 1 Introdução

A prática da crítica literária pelos próprios escritores não é recente e vai aparecer ao longo da história moderna, com maior ou menor intensidade. No modernismo brasileiro, principalmente, a prática da crítica foi frequente e autores representativos da época realizaram-na sistematicamente. Assim, no Brasil, aconteceu com boa parte dos artistas desse momento histórico-cultural, que se dedicou a escrever e publicar críticas, ensaios e estudos de forma a descrever um panorama literário-cultural de suas épocas.

Muitos escritores, poetas e críticos dessa fase, além de deixarem textos críticos sobre obras alheias, deixaram em sua correspondência pessoal um imenso material de estudo sobre suas próprias obras e sobre o momento cultural em que viveram. Por isso, a correspondência pessoal de escritores tem sido objeto de estudo da crítica literária contemporânea que tem proposto um novo olhar sobre as cartas, no sentido de relacionarem-nas às obras literárias.

Esta tese pretende abordar vida cultural, construção poética, função da poesia e papel do poeta expressos nas correspondências pessoais de autores cujas obras e vida refletem uma busca estética e são representativas de um momento cultural polêmico e marcante, apresentando discussões que pretendem interferir e provocar embates quanto a questões éticas e estéticas da literatura. Pretende-se, portanto, abordar questionamentos do próprio poeta em relação à criação literária, ao seu projeto poético e de seu interlocutor, por meio da correspondência. Para isso, esta tese tem como atores principais os poetas Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade que, em suas correspondências e em suas obras, demonstraram perseguir um projeto estético e estarem dispostos a discutir suas trajetórias poéticas e culturais, impondo às cartas, por muitas vezes, uma dimensão crítica e auto-reflexiva, mas, também, revelando fatos da vida cultural brasileira e seus personagens. É objetivo desta tese, propor olhar um conjunto epistolar como possível revelador de acontecimentos, experiências históricas e, com certeza, individuais, entendendo que as cartas deixam, ainda,

entrever sentimentos, reações e complexidades do ser que, somados às obras literárias, deverão permitir contrapontos, interações, permanências e ratificações da própria obra artística.

Como o material principal deste estudo foram as cartas pessoais, procurou-se, em princípio, entender e discutir esse complexo gênero narrativo que deve ser considerado como um espaço híbrido, uma vez que ao gênero epistolar estão aglutinadas as narrativas biográficas e históricas, textos de cunho teórico ou objetos literários em si. A intenção do primeiro capítulo, portanto, é mostrar como esses sujeitos comunicativos das cartas se utilizam desse espaço múltiplo para exporem suas ideias e, ao mesmo tempo, se exporem como indivíduos, mostrando, com isso, a importância das epístolas dentro dos estudos contemporâneos de cultura. Com isso, o ator principal desse primeiro capítulo é Mário de Andrade, poeta, contista, romancista, ensaísta, crítico, músico, enfim, esse artista múltiplo que se utilizou do espaço das cartas como nenhum outro escritor brasileiro o fez. Mário foi um missivista incansável e dono dessa personalidade plural, deixou em suas cartas, opinião sobre tudo e sobre todos de sua época, além de demonstrar um profundo conhecimento crítico a respeito de sua própria produção literária, sobre a qual se justifica e cria polêmicas, especialmente em relação a seu projeto modernista de promover a construção de uma língua “brasileira”. O Mário “trezentos e cinquenta” expressou nas cartas o que desejou fazer em suas obras literárias, usando para isso seus interlocutores epistolares, dois dos quais se tornaram seus principais correspondentes, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade que, nesse capítulo são atores coadjuvantes, para que o ator principal, Mário de Andrade, se exponha e discuta com seus dois amigos epistolares mais frequentes o ser poeta dentro da modernidade e do modernismo. Nesse capítulo, portanto, a correspondência é usada como deflagradora de discussões sobre construção poética, no que tange à linguagem e ao nacionalismo, no início do século XX, após a Semana de Arte Moderna, tendo em Mário de Andrade a convergência do pensamento teórico e crítico.

As cartas enfocadas nesse primeiro capítulo são, principalmente, as compreendidas entre os anos de 1922 e 1930 em que as discussões com Bandeira encontram-se mais acirradas; e de 1924 a 1930 com Drummond, que é ainda, o pupilo em busca de aprovação do mestre Mário, que procura doutriná-lo quanto a

seu projeto nacionalista.

No capítulo seguinte, o enfoque será especificamente as cartas que Manuel Bandeira e Mário de Andrade trocaram entre si. A correspondência entre esses dois grandes escritores brasileiros inicia-se no ano de 1922 e se finda em 1944 em consequência da morte de Mário em fevereiro de 1945, embora fique bem mais esparsa a partir de 1935, em razão da agitada vida profissional de ambos, fazendo com que Bandeira, em carta de 1944, escreva: “há anos eu não tinha o prazer de receber de você uma carta como esta de 19 – comprida, com versos, diz-que-diz etcetera.”

São, portanto, vinte e dois anos de cartas que expressam vivências, experiências poéticas, fatos banais do cotidiano, desfile de personagens da época, mas que, principalmente, retratam um momento histórico-cultural pleno de discussões, polêmicas e debates sobre a realização estético-literária. Por tudo isso, com certeza, esse conjunto epistolar deve ser reconhecido como uma das coleções mais significativas da literatura brasileira, não somente pelo volume – são 421 cartas publicadas – mas também, e sobretudo, pela variedade dos temas tratados, pelos estudos críticos apresentados, pela exposição lírica de cada um e pelo valor literário dos textos em si.

Assim, esse capítulo traz as principais discussões de Mário e Bandeira quanto à consciência poética e à criação literária que, revestidas de conversa epistolar, podem assumir estatuto teórico pela relevância de suas informações e pertinência de suas opiniões.

Esse capítulo se ocupa, ainda, em apresentar parte de um painel cultural do Rio de Janeiro e São Paulo, visto e comentado por Mário e Bandeira que, por meio de uma luneta crítica, desfilam personagens da época e provocam discussões sobre modernismo, produção literária e papel do escritor.

Em sequência ao terceiro capítulo, e por causa dele, o foco é agora dirigido às cartas que Mário de Andrade trocou com Carlos Drummond de Andrade. Esse conjunto epistolar figura como o segundo em volume – são 161 – e importância nos arquivos catalogados de Mário.

A correspondência entre os dois, que se inicia em 1924, pela iniciativa de Drummond, estende-se até 1945, datando-se, inclusive, a última carta de Mário de quatorze dias antes de sua morte.

Na primeira parte desse capítulo, as cartas comentadas são aquelas em que Mário opina sobre a poesia de Drummond, chegando até a publicação de *Sentimento do mundo* e, por isso, irão apresentar desde um Drummond iniciante, ávido pelas opiniões e críticas de Mário, embora já demonstre saber se posicionar diante das polêmicas propostas, a um Drummond mais maduro e ciente de sua poética. É proposta desse capítulo, portanto, em um primeiro momento, buscar perceber como Drummond se apresenta como o pupilo-amigo que envia poemas e artigos a Mário para que ele opine sobre eles; além de tentar traçar esse percurso drummondiano que vai desde antes da publicação de seu primeiro livro *Alguma poesia* até a publicação do terceiro livro desse poeta, *Sentimento do mundo*. O que se pretende trilhar, nessa fase, são caminhos em que a construção poética seja comentada e discutida para que mudanças e permanências sejam apontadas de forma a permitir perceber que questões irão definir a obra de Drummond.

Assim, na primeira parte do capítulo, o que se pretende perceber é o início da poética drummondiana e a influência recebida de Mário de Andrade, amigo e mestre, através das cartas. Foram, para isso, selecionadas as cartas nas quais a visão de Mário sobre o poeta Drummond encontra-se bem explícita e suas sugestões e análises bastante claras e pertinentes. Nesse momento, portanto, propõe-se uma pequena análise da poética de um Drummond iniciante, através das impressões de Mário participante.

A proposta da segunda parte desse capítulo é um passeio pelas cartas em que o nacionalismo e o modernismo são discutidos. O objetivo, portanto, é, agora, permitir com que a voz de Drummond se faça mais forte, com seus posicionamentos sobre os assuntos. Dessa forma, a discussão se desloca para a visão drummondiana e faz-se o caminho inverso, ou seja, Drummond opina, analisa e discute a obra e o projeto de Mário.

Na terceira parte desse capítulo, o eixo central se desloca para Manuel Bandeira e para Carlos Drummond de Andrade, mas com as interferências das cartas de Mário de Andrade para os dois poetas. A proposta, nesse momento, é fazer um convite aos leitores para que leiam Bandeira e Drummond com o auxílio de Mário. Como as cartas que Drummond trocou com Bandeira são esparsas ou não foram encontradas, forja-se, aqui, um diálogo epistolar percebido nas cartas de Mário de um para o outro.

O quinto capítulo surge da autorização implícita que os escritores dão a um

leitor contumaz. Na verdade, esse capítulo se coloca como uma possibilidade e se constrói entre a ficção e a realidade. O que se pretende mostrar é que apropriar-se da escrita alheia deriva da permissão da leitura, que impregna o leitor e o faz participante junto aos escritores. Por isso, fica o capítulo, sem maiores explicações, para que esse novo leitor possa, também, apropriar-se dele se assim o desejar.

É importante ressaltar que, embora os autores estudados nesta tese possuam enorme e variada fortuna crítica, optou-se por não trabalhar com a maioria, porque o que se pretendeu foi fazer uma leitura própria, sem interferências alheias, uma vez que os autores já se interferiam entre si.

Outro dado relevante a esse trabalho é a questão da escolha dos autores que pode ser facilmente explicada. Mário de Andrade foi a escolha principal, uma vez que ele esteve ausente de nossa dissertação de mestrado<sup>1</sup> em que se trabalhou com a poética de Manuel Bandeira expressa nas cartas que trocou com ele. Assim, se Mário se faria presente nas cartas, Bandeira teria que ser a segunda opção, não só pela enormidade desse conjunto epistolar, mas, principalmente, por ser Bandeira, poeta de cabeceira da autora. Diante disso, a escolha de Drummond se faz óbvia, uma vez que ao estabelecer o diálogo entre Bandeira e Mário, a ausência de Drummond seria percebida.

É necessário, explicar, ainda, que as transcrições das cartas obedeceram à ortografia com a qual foram publicadas. Não houve qualquer interferência em relação à pontuação, nem alteração de qualquer inadequação ortográfica porventura cometida. A escrita de Mário permanece com todas as suas idiosincrasias e “erros propositais”, conforme foram publicadas por Bandeira. Já as cartas publicadas por Drummond sofreram alterações quanto a opções consideradas exageradas, conforme o próprio Drummond relata em seu prefácio à publicação de *Lição do amigo*.

Deve-se, ainda, ressaltar que essa tese enfoca, principalmente, a construção poética e a formação do poeta, assim, o recorte feito foi trabalhar apenas com os poemas dos autores escolhidos, não incluindo suas prosas, uma vez que dar conta da totalidade da obra desses escritores é tarefa impossível.

---

<sup>1</sup> CABRAL, Simone G. E. **Bandeira**: a poética do compromisso. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

Dessa forma, a proposta central desta tese é entender a correspondência como um dos meios de pesquisa que, entrecruzada com a obra literária, amplia e revela conceitos e pode chegar a se transformar em estatuto teórico da própria obra do artista, do interlocutor e de outros tantos que estariam inseridos nas missivas, partindo-se da premissa de que o poeta, na modernidade, é o próprio crítico não só de sua poesia, mas de toda uma tradição estética e cultural.